

PADRE
PAULO GAMERSCHLAG

13 de agosto de 1906
2 de dezembro de 1985



INSPETORIA SÃO JOÃO BOSCO
BELO HORIZONTE - MINAS GERAIS

COLÉGIO DOM HELVÉCIO
Outubro de 1987

PONTE NOVA – MINAS GERAIS

Prezados irmãos em Dom Bosco,

Quando cheguei aqui para o serviço de diretor deste tradicional Colégio Dom Helvécio, ele, há bem três meses já havia partido para a vida eterna em Deus nosso Pai. Somente agora me é dada a possibilidade de lhes enviar os traços biográficos e uma tentativa de apresentar a figura moral deste grande salesiano que foi um dos esteios basilares de nossa Inspetoria São João Bosco em seus albores:

PADRE PAULO GAMERSCHLAG

falecido aos 2 de dezembro de 1985, com 79 anos, 3 meses e 19 dias, 60 anos de vida religiosa, 51 de sacerdócio, 58 de apostolado no Brasil.
Ele nasceu em Essen, Alemanha, aos 13 de agosto de 1906.

Seu pai foi o engenheiro eletricista José Gamerschlag e sua mãe Paula Karnbrock. Dos quatro filhos, ele foi o segundo a nascer. Paulo se tornou salesiano e sacerdote e as três filhas se fizeram religiosas. Assim a família ficou sem descendentes, numa doação total ao serviço dos homens por votos feitos a Deus, a quem se deram totalmente. O Pe. Paulo foi o último a falecer.

Após o falecimento de uma de suas irmãs carmelitas, a caçula, disse um dia a um salesiano: – “Agora fiquei sozinho. Todos se foram lá de casa. Só me resta a família salesiana”.

Fez todos os estudos básicos em sua terra natal. Viveu a vida familiar e social sob a formação e orientação firme e tradicional de sua gente. Com o pai aprendeu muito de eletricidade e mecânica. Para ocupar o tempo nas nevascas de inverno, aprendeu com a mãe e irmãs diversos tipos de pontos, bordados e danças. Tinha sempre aquele seu sorriso sereno quando bisbilhotávamos sua participação nas festas, sua elegância nas danças, no convívio amigo das famílias. Contavam, então, como eram os costumes de sua gente, a orientação e assistência que o pai e a mãe davam a eles, os filhos. Sentiu despertar no coração o chamado de Deus. Ser salesiano. Os pais o ouviram. Conversaram, refletiram juntos. Por fim concordaram felizes, respeitando a opção madura do filho. Uma das irmãs, a mais velha, havia já professado entre as carmelitas. Ele era o único filho varão, esperança da perpetuação do nome da família. Apresentou seu pedido aos superiores salesianos. Foi aceito. Fez o noviciado em Ens-dorf. Em seguida à profissão, o curso filosófico. Pediu para partir para as missões. O

pai aconselhara-o: – Faça opção Ocidente; não vá para o Oriente. Você verá mais tarde o porquê. Foi destinado ao Brasil, para a Inspetoria, então, do Sul com sede em São Paulo. Ele e o companheiro João Weiss vieram para nossa terra juntos com o Pe. Franz Eigmann, que exercia o apostolado entre os colonos alemães do Estado de Santa Catarina. O primeiro contato que tiveram com a futura nova pátria foi em Recife. Guardou o Pe. Paulo na mente a impressão que lhe deixou, a ele e ao Weiss, naquela época, a pobreza da casa de Jaboatão

No dia 6 de novembro de 1927 chegaram a Lavrinhas, aspirantado e Instituto de Pedagogia e Filosofia. Aí um novo choque idêntico ao primeiro: a pobreza da casa. Ao receber na enfermaria as celas onde deviam dormir, e vendo o estado precário dos colchões velhos e manchados, o colega Weiss não se conteve e chorou. Ele, o Paulo, contendo o amargo do coração, procurou consolar o amigo, lembrando-lhe a renúncia e o sacrifício que assumiram como missionários, ao deixarem a própria Pátria de uma cultura tão mais elevada e tão diferente daquela com que estavam defrontando. Ali, encobertos pelas cortinas brancas das celas, os dois se abraçavam, a soluçar, um a consolar o outro. Sentiram que as renúncias da vida missionária traziam surpresas pelas quais não esperavam passar, nem sequer tinham podido imaginar. Em Lavrinhas passaram os três meses seguintes dando os primeiros passos na aprendizagem da língua portuguesa. Foi-lhe paciente mestre o clérigo Virgínio Fistarol. O Pe. Paulo sempre se lembrava destas aulas valiosas e de seu professor, nascendo ali uma grande amizade entre eles. No início do ano de 1928 foi enviado para Ascurra, onde foi assistente e professor dos aspirantes, filhos de emigrantes europeus. Perto de Ascurra estava o Pe. Franz Eigmann em Nova Breslau, entre colonos alemães. Era um apoio, uma recordação da terra que deixara. Por dois anos trabalhou em Ascurra.

Escrevia as explicações das aulas de matemática no português que sabia. Dava-as ao Pe. João Rolando, diretor, para corrigi-las. . . depois que os aspirantes dormiam, punha-se a decorar aquele linguajar misto de português com italiano do Pe. Rolando. Dos antigos, quem não se lembra do modo de falar do Pe. João Rolando? Muitas vezes enchia uma bacia de água fria, metia nela os pés para vencer o sono. Proveio-lhe disto um reumatismo que o acompanhou como um cilício por toda a vida. O terceiro ano do tirocínio fê-lo no colégio São Joaquim de Lorena. Foi companheiro de assistência na divisão dos maiores do Clérigo Rafael Chroboczek. Foi muito bem aceito como exímio professor de matemática, pela educação e dignidade com que tratava os alunos assistidos.

Em 1931 fez parte da primeira turma de estudantes de teologia que inauguraram, na sua primeira sede, o Instituto Teológico Pio XI, São Paulo, que até hoje vem formando gerações de sacerdotes salesianos. Quando estava para receber o subdiacnato o reumatismo o atacou violentamente. Ficou com os dedos das mãos tolhidos e recurvos. Correu o risco de não ser ordenado. No Araxá, fazendo o tratamento com lama e águas sulfurosas, conseguiu recuperar-se. Com mais onze companheiros foi ordenado sacerdote pelo ex-aluno salesiano, o bispo de Sorocaba Dom José Aguirre, aos 30 de novembro de 1934.

Após sua ordenação foi nomeado em 1935 para o cargo de prefeito na nova sede do noviciado na Lapa, São Paulo. Trabalhou neste ano ao lado do Pe. Agenor Vieira Pontes, que era Diretor e Mestre de Noviços. Em 1936 continuou no cargo sendo Diretor o Pe. Luiz Garcia de Oliveira e Mestre o Pe. Gastão do Prado Mendes. A eles todos se uniu em uma duradoura e fraterna amizade por toda a vida. Mudando a sede do Instituto Teológico Pio XI para o local do Noviciado, ele foi designado pelos superiores para exercer o cargo de prefeito do estudantado e professor no mesmo, sendo

diretor o Pe. Domingos Cerrato, ex-Inspetor do Sul do Brasil. Em 1940 os Superiores Maiores determinaram que a Inspetoria de Nossa Senhora Auxiliadora assumisse a direção do Colégio Dom Helvécio, em Ponte Nova, Minas, onde os pedidos insistentes do Arcebispo de Mariana Dom Helvécio Gomes de Oliveira, salesiano. O Pe. Paulo, em 1941, foi escolhido para fazer parte do primeiro grupo de salesianos para lá destinados. Seguiu como responsável pela parte econômica, como prefeito. Foi então o "alter ego" do diretor Pe. Alcides Lanna. Deixaram-nos os dois um testemunho notável de amizade e fraternidade, de espírito de trabalho e vida salesiana por eles vividos neste tempo. Ficou em Ponte Nova até 1948.

A Inspetoria do Sul do Brasil fora desmembrada para a formação da Nova Inspetoria São João Bosco. O Pe. Paulo foi então transferido como diretor das vetustas Escolas Dom Bosco de Cachoeira do Campo. Em 1951 abriu-se o noviciado da Nova Inspetoria em Barbacena. Para diretor e mestre dos noviços nesta nova casa, por sua salesianidade, por seu zelo sacerdotal, por suas virtudes e qualidades pessoais, por sua competência administrativa, foi o Pe. Paulo unanimemente indicado pelos irmãos para o delicado cargo da formação do pessoal salesiano. Com o decorrer do tempo a altitude e o clima do local começaram a influir em sua saúde, em seu coração. Os médicos aconselharam uma imediata mudança.

Em 1957 partiu para o Rio de Janeiro para ser diretor do Instituto S. Francisco de Sales, no Riachuelo. Em 1960 dava-se início à primeira casa em Belo Horizonte, o Colégio Salesiano. O Pe. Paulo é escolhido mais uma vez para dirigir uma obra nova como diretor. Em 1963 é destinado para ecônomo inspetorial. Tornou-se o braço direito, o apoio, o conselheiro fiel, prudente, humilde de seu antigo colega dos tempos de formação, o Inspetor Pe. Pedro Prade.

Em 1967, com a saúde combalida pelo reumatismo, e problemas de coração, voltou para Ponte Nova. Quanto não custara de sacrifícios e trabalhos aos primeiros salesianos aquela obra. Gostava por isso daquela gente, daquele lugar onde eram tantos os laços de amizade. Tudo ali fazia parte muito significativa em sua vida salesiana e sacerdotal. Os médicos e as irmãs salesianas do Hospital Nossa Senhora das Dores cuidaram dele com carinho. Enquanto se recuperava da saúde era o ecônomo do Colégio Dom Helvécio. No ano seguinte assumiu a direção do colégio. Uma delicada educadora e cooperadora salesiana, D^a Ely Gomes Vilar tornou-se sua grande e prestimosa auxiliar na instalação do curso primário e maternal, dando vida nova e segurança ao estabelecimento nos anos futuros. Procurou intensificar a observância de normas pedagógicas que favorecessem a disciplina, a piedade, a alegria dentro da ordem, um estudo sério que assegurasse o futuro dos alunos. No final do seu segundo ano de directorado sofreu um grave derrame que lhe tirou a fala e o imobilizou num leito do hospital. Enquanto estava em tratamento no Hospital Nossa Senhora das Dores sofreu um enfarto. A dedicação de seus ex-alunos médicos e o cuidado maternal da irmã Angélica (FMA), a sua resistência física, sua paciente e heróica obediência às prescrições médicas salvaram-lhe a vida.

Durante o resto de seu viver vai recordar, agradecido, os desvelos que com ele todos tiveram, o espírito fraterno dos irmãos da comunidade do "Dom Helvécio". Sobretudo relembra o Pe. Paschoal Andreiuolo, seu antigo noviço, que semanalmente, quando os médicos o permitiram, ia colocá-lo a par do andamento do colégio e buscar sua orientação necessária para o bom andamento da casa, tirar-lhe as normais preocupações que poderiam prejudicar-lhe a sua recuperação. Três meses depois, quando voltou ao hospital, vinha apoiado numa bengala, arrastando a perna esquerda, com o braço e a mão esquerda semi-esquecidos. Assim ficou para o resto da vida. Não con-

tinuou diretor. Entregou ao seu sucessor a casa em plena florescência. Pediu para continuar a trabalhar. Pôs-se na administração, fazendo parte da contabilidade, aliviando as responsabilidades do ecônomo. Neste labutar cotidiano foi, anos a fora, o resto de sua existência, até os derradeiros minutos de vida, naquela manhã do dia 02 de dezembro de 1985.

Pôs-se mais livremente à disposição dos fiéis no atendimento das confissões, na orientação dos casais, na assistência aos grupos de cursilhistas. Nas missas dominicais, como cooperador de Mons. Rafael Faracci, na paróquia de São Sebastião. No apostolado semanal nos distritos de Oratórios, Cardosos, Usina Ana Florência. Queria realizar em sua totalidade, sem exageros ou imprudências, o seu lema sacerdotal: *Ex hominibus assumptus pro hominibus constituitur* (Hb 5, 1), o ideal salesiano de Dom Bosco que também era seu: *Da mihi animas, coetera tolle*.

Quando lhe era recomendado mais descanso, maior moderação, retorquia sempre: "Não sou imprudente, mas, sou sacerdote salesiano, devo cumprir os deveres da minha vocação, até o fim. Isto é tão bom. Quando não for mais possível. . . Deus N. Senhor saberá agir para o que for melhor. . ."

De fato trabalhou incansavelmente dentro de um sã equilíbrio e bom senso e de uma doação que chegou às raízes da generosidade.

AS BODAS DE OURO

Eles eram uma dupla de sacerdotes cobertos de câs, aquebrados pelos achaques. Vidas carregadas de cargos e encargos. Uns em horas difíceis. Outros em tempos de transições. Quanto não lhes foi custoso tudo isto que viveram, abalando suas resistências. Na comunidade os irmãos conversavam com eles planejando os festejos de suas bodas de ouro sacerdotais, desafiando quem as teria mais belas. Iam celebrá-las um após o outro. Pe. Pedro Prade falava, mas, notava-se às vezes que não estava muito esperançoso de as celebrar. O Pe. Paulo era mais seguro. O Pe. Pedro aproveitava e brincava com o Pe. Paulo. Silenciosamente ocultava, disfarçava suas dores até que não mais o pôde fazer. Não suportou as cirurgias a que teve de se submeter e nos deixou. Todos se ocuparam muito com o Pe. Paulo, que sofreu sensivelmente a morte do companheiro de tantas pelejas. Ele contudo superou estes momentos dolorosos. E celebrou suas bodas de ouro no dia 30 de novembro de 1984. Foi uma bela e recolhida festa, desprovida de barulho, cheia, rica de recordações, de carinho, de gratidão.

A concelebração solene, rodeado pelo Pe. Inspetor, seus ex-noviços sacerdotes, salesianos padres, párocos da Arquidiocese, foi a realização de um desejo por ele tão almejado. O sermão gratulatório do Pe. João Duque, Inspetor Salesiano, o cântico dos alunos e dos fiéis levaram-lhe ao coração, como ele mesmo disse, uma alegria sem par. O almoço foi outra hora de muita intimidade em que ele se viu cercado de muitas amizades e manifestações de agradecimentos e amor. Por vários domingos os festejos foram sendo repetidos. Na Usina Anna Florencia a homenagem das crianças. Em Cardoso a população, na maioria de cor, saudou feliz aquele padre alemão que os servia na pastoral com tamanha dedicação e zelo. Em Oratórios fizeram-lhe uma surpresa. As ruas e a grande praça foram embandeiradas em profusão. A banda de música. O povo, que acorreu também das fazendas, ao longo dos passeios. E ele teve que desfilar, procedido do vibrar afinado dos dobrados, em carro aberto, de pé, a sacudir a mão para agradecer o carinho daquela gente que o saudava e dava vivas. Na matriz de São

Sebastião de Ponte Nova, os paroquianos, tendo à frente Mons. Rafael Faracci, a Missa concelebrada e a sessão no salão paroquial.

Todos viam nele o sacerdote zeloso, o guia seguro, o conselheiro clarividente que, em todos os momentos, lhes ensinava o caminho na busca da verdade, o saber construir nas labutas da vida o Reino, na esperança da vida eterna em Deus. Calmo, tranqüilo, ouvia os discursos, recebia as homenagens, deleitava-se com as apresentações ingênuas da garotada. Rememorava o passado e humildemente dava graças a Deus por ter-lhe dado aqueles momentos de alegria. Ter sido um pobre instrumento para anunciar o evangelho, o amor a Maria Auxiliadora, a divulgar o nome e a obra de Dom Bosco. Eram sentimentos que ele expressou diversas vezes, nas suas palavras de agradecimento.

Durante o ano a comunidade ofereceu-lhe a oportunidade de ir à Inspetoria Salesiana de São Paulo para rever lugares e pessoas que muito lhe eram caras. Esteve em Resende primeiro, depois Lavrinhas, Lorena, Pindamonhangaba, Aparecida, São Paulo. Matou as saudades, encontrou os velhos colegas do passado. O Pe. Francisco Davi Resende que sempre teve, como ecônomo, a maior atenção para com ele e o Pe. Prade, acompanhou-o nesta viagem de despedida, cuidando, olhando pela sua saúde. Voltou satisfeito. Num tom mesto disse, ao comentar na mesa a viagem: – Creio que não os verei mais.

Restava ainda um desejo seu e de seus parentes. Ir à Alemanha para festejar seu jubileu de ouro sacerdotal e rever uma última vez sua terra natal. Os médicos, seus ex-alunos, cuidaram dele com toda a sabedoria da medicina. – Não podemos negar-lhe esta alegria, diziam eles. Quando o viram bem disposto deram a licença para a viagem. Ia, mas pediu à comunidade que não o deixasse ficar lá. Queria voltar e morrer aqui em Ponte Nova. Somente ele sabia o quanto dera de si para esta obra salesiana, para a educação da juventude, para a formação das famílias. Ele sentia-se preso a este pedaço de terra das Minas Gerais como um segundo torrão natal. A municipalidade lhe dera um dia, reconhecendo esta predileção, o título de Cidadão Pontenovense.

Ele partiu nos meados de maio de 1985. Tinha ainda duas tias de sua mãe, com quem a corteava a miúdo. Ao chegar no aeroporto de Frankfurt teve um desmaio. Passou, porém, bem o tempo todo que esteve na Alemanha. Durante sua estada, uma das tias faleceu, um mês depois que chegara.

Em meados de outubro o Pe. Paulo voltou para o Brasil. A comunidade de Ponte Nova, os médicos estavam preparados para recebê-lo e acompanhá-lo. Sabiam que estes primeiros meses poriam seu coração claudicante à prova, pela separação e na recordação de tudo que revira e revivera, pela certeza da sua visita ter sido a derradeira. Ao chegar sentiu-se abalado ao saber da morte do Pe. Agenor Vieira Pontes. Sua primeira missa foi celebrada por ele, com a comunidade da Casa Inspeitoral, a Missa de 7º dia. Aqui no Colégio, de outubro a novembro teve várias crises de coração. Os irmãos e as pessoas mais chegadas e de maior convívio na escola, discretamente o rodeavam de atenções. Os médicos vinham vê-lo e previniram os irmãos de um enfarto de miocárdio a qualquer hora. Ele bem sabia. Fazia o repouso prescrito. Mas logo que podia procurava dar sequência ao ritmo normal de trabalho. Aconselhado a deixar o atendimento de confissões, aquiesceu, e, naquele seu sorriso tão expressivo disse: – A missão de padre, a gente gostaria de levá-la até o fim. Foi ainda uma vez a Cardoso, mas, lá passou mal. Atendia no possível as pessoas ou alunos que o procuravam. Ao sentir-se cansado deixava logo tudo e se retirava para o quarto e ficava em repouso. No dia 29 de novembro o Pe. Diretor, Pe. Ademir Ragazzi, antes de

viajar para Vitória, a fim de visitar a mãe hospitalizada, foi despedir-se dele. Delicado como sempre, fez augúrios de bom restabelecimento, enviou cumprimentos e acrescentou: – O senhor não vai me encontrar mais aqui.

No domingo celebrou na matriz de São Sebastião. Não almoçou com Mons. Rafael, como soía fazer. Um dos salesianos aniversariava. Ele num gesto seu peculiar de delicadeza fraterna veio almoçar com ele na comunidade. Na 2ª feira levantou como de costume às 4h da manhã. Rezou a oração da manhã, fez meditação, celebrou a Santa Missa. Tomando café perguntou com certa insistência se o Diretor tinha chegado. Ouvindo que não, seu rosto se contraiu. Perguntado se estava se sentindo mal, respondeu que era o mal-estar de sempre. Saiu do refeitório, passou pelo pátio por entre os alunos que chegavam para as aulas, falando com um ou outro, observando os grupos que se formavam na garrulice da manhã. Entrou no escritório, trocou algumas palavras com seu auxiliar, José Jair, olhando os trabalhos do dia. No escritório do ecônomo, ao lado, o Pe. Davi Resende estava com o Pe. Henrique de Brito vendo umas fotos. Pe. Paulo entrou. Mostraram-lhe as fotos. Ele pegou uma e pôs sobre a mesa. Estranhando esta atitude o encararam. Estava muito branco. Rosto sereno. Somente murmurou: Está doendo muito, e apertou o peito sobre o coração. Rápido, fizeram-no assentar-se, deram-lhe um comprimido de isordil. Perguntaram-lhe se queria ir logo para o hospital ou ao consultório do Dr. Ferrari. Optou pelo médico. O Pe. Davi trouxe o carro numa rapidez incrível. Enquanto os funcionários, que ocorreram, cuidavam dele, o Pe. Henrique tentava falar com o médico. Passando pelo consultório, não encontrando Dr. Ferrari, o Pe. Davi colocou outro comprimido sob a língua do Pe. Paulo e rumou para o Hospital Nossa Senhora das Dores. Nisto o Pe. Paulo tombou para trás a cabeça e assim ficou. A boca abriu. Sob a língua o comprimido de isordil. Praticamente estava morto. O Pe. Davi amparando-o com uma das mãos, guiando com a outra, passou celebre pelas ruas, pela avenida beira-rio, encontrando os sinais abertos, chamando a atenção e preocupando os que os reconheciam a ele e ao Pe. Paulo. Chegados ao hospital em menos de dois minutos acorreram para junto do carro cinco médicos, enfermeiros, irmãs. Desolado, o Dr. José André, um de seus médicos e ex-alunos, disse: – Nada o poderia salvar. Infarto fulminante do miocárdio. Era o dia 02 de dezembro de 1985, às 8,15h da manhã. Morrerá percorrendo as margens do rio Piranga que corta a cidade de lado a lado, com que num passeio de adeus pela sua cidade brasileira de Ponte Nova. Fora tudo muito rápido. Aos poucos os alunos foram sendo avisados, e, suspensas as aulas, foram indo de volta para suas casas, levando a notícia. O corpo, composto pelos médicos, ficou na capela do hospital até às 12 horas, quando foi levado para capela do Colégio Dom Helvécio, onde um bom grupo de pessoas amigas já o aguardavam. A triste notícia foi transmitida às casas salesianas. A rádio local, o telefone foram levando aos bairros, às fazendas, aos distritos, às cidades vizinhas a dolorosa realidade. O velório foi uma peregrinação durante o dia e pela noite afora. Crianças, jovens, adultos, pobres, ricos, gente simples do povo, pessoas de projeção social, autoridades municipais, estaduais, quantos ex-alunos, quantos vindo de mais longe, para poder ver ainda uma vez os restos mortais, dar um último adeus àquele que amavam, que respeitavam, a quem em momentos da vida lhes fora valioso guia, conselheiro, confessor, amigo, mestre. No dia seguinte, às 10 h foram celebradas as exéquias marcadas pela liturgia. Presidiu a concelebração o Sr. Arcebispo de Mariana, Dom Oscar de Oliveira. Ao seu lado estavam o Pe. Décio Zandonade, Inspetor Salesiano, o Pe. Diretor, 23 sacerdotes salesianos de diversas casas, alguns ex-noviços, párocos vizinhos. Salesianos coadjutores, os irmãos das casas de formação, uma grande multidão de amigos e de fiéis. Presente numerosos grupos das filhas de Maria Auxiliadora, a Madre Inspetora de Belo Horizonte, Ir. Glorinha.

Após o Evangelho o Sr. Arcebispo falou aos presentes. Lembrou que conhecera o Pe. Paulo nos primórdios do Colégio Dom Helvécio, no seu tempo ainda de seminarista. Depois pôde apreciar seu apostolado como Bispo Coadjutor e como Arcebispo de Mariana em Ponte Nova, Barbacena, Cachoeira do Campo. Manifestou sua admiração, sua gratidão pessoal e em nome da Arquidiocese, pelo zelo prestimoso com que em todos estes lugares auxiliava os párocos. O falecido era um sacerdote autêntico, um modelo de padre e religioso de que se orgulhava de ter em seu clero. Um diretor espiritual raro como são raros os diamantes. Em seguida falou o Pe. Inspetor. Lembrou como o Pe. Paulo por várias vezes pedira para ter o novo texto das Constituições da Congregação. E fora marcado aquele dia 03 de dezembro para a entrega à comunidade de Ponte Nova. Agora só lhe restava depositar nas mãos geladas, cruzadas sobre o peito do querido morto o livreto por ele tão desejado. Rememorou a sua figura de salesiano e de sacerdote como um exemplo de fidelidade e de amor perante a Igreja e a Congregação. Um sacerdote segundo o Coração de Cristo, um religioso – regra-viva – que morrera na brecha, no trabalho, engrandecendo a Congregação, como predissera Dom Bosco. E em nome da Congregação, de Dom Bosco, beijava-lhe as mãos agradecendo tudo que fizera na sua generosa e total doação. Após a celebração um longo acompanhamento, muitos a pé, outros de carro, desfilou pela mesma avenida beiramar rumo a matriz de São Sebastião, onde Mos. Rafael Faracci, entre soluços, fez a encomendação final. O cortejo fúnebre galgou vagarosamente as ruas que levam ao cemitério. Hoje o corpo de Pe. Paulo Gamerschlag jaz lá no alto do morro, junto ao Pe. Pedro Prade e do Pe. Sylvio Bianchi, na terra que tanto quis, que tanto amou.

O Pe. Paulo Gamerschlag era dos mais velhos salesianos da Inspetoria São João Bosco. Tinha sido, em sua contrução, uma das suas colunas mestras, sólido de virtudes, rico de salesianidade, de espírito de trabalho, de generosa entrega.

Nossas Constituições assim rezam no art. 25: “A ação do Espírito é para o professo fonte permanente de graça e de apoio no esforço cotidiano para crescer no perfeito amor a Deus e aos homens. Os irmãos que viveram ou vivem em plenitude o projeto evangélico das Constituições são para nós estímulo e ajuda no caminho da santificação”. Por isso tomo a liberdade de me deter para rever com todos os irmãos numa síntese, a personalidade humana, salesiana e sacerdotal do Pe. Paulo Gamerschlag, que tento traçar.

O HOMEM

O art. 22 das Constituições dizem: “Cada um de nós é chamado por Deus a fazer parte da Sociedade Salesiana. Para tanto recebe dele dons pessoais e, respondendo fielmente, encontra o caminho de sua plena realização em Cristo. Como membro responsável, ele coloca sua pessoa e os próprios dons a serviço da vida e da ação comum”.

Recebera o Pe. Paulo da família uma esmerada formação cristã. De um temperamento sanguíneo com reações secundárias, era de impressionar o seu auto-domínio, o controle que possuía em suas manifestações. Quem com ele conviveu ou o conheceu em épocas diversas, podia bem aquilatar o longo e áspero caminho de virtudes humanas que, ao correr da vida, ele foi conquistando, solidificando. Externamente mantinha sempre aquela atitude digna, silenciosa às vezes, quando mais graves eram

os problemas, atraída apenas pelo rubor que purpureava as faces brancas. A única coisa que não conseguira dominar, que deixava entrever sua luta interna. Uma educação fina, sem rebuços, sem exageros. De uma distinção a que se aliava a nobreza com a simplicidade e o agradável. Um impecável asseio pessoal, no quarto, no escritório, mesmo quando atingido pela semi-paralisia. Levantava-se às 4 h da madrugada para poder deixar tudo em ordem ao sair do quarto. Sua formação germânica deu-lhe uma vontade austera, rígida, forte, que não lhe tirou a gentileza do trato, a sensibilidade para com as pessoas, sobretudo doentes, necessitados. Manifestava em conversas, que sentia, apesar de estar tanto tempo entre nós, o não ter conseguido assimilar bem, em certas coisas, a nossa maneira de ser.

Entretanto mais seria não ter ele perdido o modo de ser de sua formação primeira, costumes, de seu povo. Por isso acontecia de ter atitudes que podiam chocar quem não o conhecesse bem, quando para ele era um gesto de interesse, de pôr-se a serviço, de procura, de ajuda. Nos últimos anos deixava de tanto em tanto, talvez querendo tirar alguma má impressão, escapar uma queixa. Quando diretor do Colégio de Belo Horizonte, a casa era muito procurada pelos irmãos em passagem. Não dispunha de grandes recursos de hospedagem. Havia quem pedia lugar com antecedência, quem chegava de repente. Como diretor procurava atender a todos. Perguntava ao irmão que chegava de repente, por quantos dias pretendia ficar, o que viera fazer, na melhor das intenções, também para governo seu ante compromissos que havia já assumido. Era este um costume em sua terra. Soube mais tarde que este gesto seu era mal interpretado, causando mágoas a alguns. Ficou de fato muito penalizado por parecer grosseiro, por não acolher bem os visitantes, quando outra era sua intenção.

Uma sua grande característica foi o grande respeito que demonstrava para com qualquer pessoa. Varão prudente, justo, sem dolo, incapaz de enganar alguém. De uma distinção ímpar. De um sadio equilíbrio, bom senso. Um homem que sabia falar na hora certa, calar na hora certa. Dizia com firmeza, com lealdade a verdade sem machucar a pessoa. Superar seus pontos de vista para ceder ante um bem, julgado maior, ou para obedecer ou para acompanhar a maioria. Tinha um coração sensível, afetuoso. Controlava muito bem seus sentimentos. Se preocupava ser delicado com todos, era assaz sensível, reconhecido pelo menor ato de delizadeza que lhe fora feita. Os anos passavam e ele recordava a gentileza recebida. Como amava sua terra de lá e a de cá. Como amava a Congregação. Como amava sua família de sangue. Sofreu em silêncio de seu coração quando seus pais, não aceitando o nazismo, tiveram de imigrar para a Holanda. A família ficou na Holanda até que passou toda aquela borrasca. Assinada a paz, antes dos seus se repatriarem, contava Pe. Paulo, no aniversário do casamento, seu pai saía de carro, atravessava a fronteira. Ia até Essen e ficava por mais de uma hora meditativo por sobre os escombros da casa que os bombardeios tinham destruído. Depois sem nada dizer, voltava para Holanda. Era uma peregrinação de que mais tarde deu notícias ao filho.

Durante os longos anos da guerra, sem notícias, acompanhou no silêncio e na oração o seu povo. Raramente desabafava com os mais íntimos as amarguras que lhe oprimiam o peito. A única mágoa que na vida salesiana lhe marcara o coração foi jamais ter podido rever a mãe. Ao partir da Europa fora-lhe assegurado que, após dez anos, no máximo, voltaria à pátria para visitar a família. Já estava no Brasil a mais de vinte anos quando ela ficou gravemente enferma. Queria rever o filho, vê-lo como sacerdote. O superior na ocasião não julgou dever ele ir à Europa. Amargou o coração e obedeceu. A mãe faleceu depois, sem se verem. Mais tarde a grandeza da bondade do coração de Pe. Alcides Lanna, que vira e com ele sofrera a dureza daquelas horas, conseguiu para ele a ida à Alemanha. Ele contava como, ajoelhado com o pai junto

à tumba da mãe, pôde chorar lágrimas de saudades daquela que nunca mais pudera ver. Nos seus lábios sempre pairava um sorriso amigo. jamais se ouviu de sua boca uma palavra menos decorosa, ofensiva. Gostava da convivência fraterna. De participar dos momentos de alegria da comunidade, dos alunos. Dava gosto, em décadas passadas, ver no primeiro encontro dos retirantes em São João Del-Rei ou em Cachoeira do Campo, antes de o retiro começar, um grupo formado pelo Pe. Paulo, Pe. Valentim Cricco, Pe. Felix Koczwara e mais outros. As risadas sonoras dos dois despertavam a curiosidade dos mais novos, eram um testemunho sadio da alegria fraterna dos salesianos. Verdade é que ele, O Pe. Paulo, até o fim, nem sempre percebia a picardia da verve brasileira em algumas brincadeiras ou piadas, que lhe contavam de propósito, para experimentar a candura de sua alma. Quando às vezes era alertado, tornava-se vermelho e, com um pretexto qualquer, se retirava.

O SALESIANO

As Novas Constituições dizem no art. 10: “Dom Bosco, sob a inspiração de Deus, viveu e nos transmitiu um estilo original de vida e de ação: O Espírito Salesiano. Centro e síntese desse espírito é a caridade pastoral, caracterizada por aquele dinamismo juvenil que tão fortemente se revelava em nosso Fundador e nas origens da nossa Sociedade: é um ardor apostólico que nos faz buscar as almas e servir somente a Deus”.

Do Pe. Paulo pode-se realmente dizer: foi um salesiano em seu todo. Vivia a vida de observância de uma maneira serena, tranqüila, toda fidelidade. Sua educação germânica, a consciência responsável de ser comunidade, dava-lhe aquela precisão de estar no lugar e na hora certos. Saber determinar, interromper que quer que fosse, sem faltar a caridade ou as boas maneiras, para estar com a comunidade no momento regulamentar, sem atrasos, sem correrias. Homem presenteadíssimo, nunca guardou para si o que quer que fosse de supérfluo. Desprendido de tudo, totalmente, De tudo prestava conta os seus superiores com tal naturalidade que encobria a humildade do seu proceder.

A graça de Deus refulgia na pureza de seus olhos azuis, nos seus gestos, no seu falar castiço, na sua maneira de ser e viver. Na polidês de seu trato. Na limpeza de sua pessoa. Nunca, jamais se ouviu dizer dele qualquer coisa que enodoasse sua castidade. Procuradíssimo para direção espiritual de comunidades femininas, de casais, pelo povo em geral, era ele o varão prudente e seguro no cumprimento de seu dever sacerdotal. Há, por acaso, alguém que ouviu de seus lábios um nome, uma expressão menos casta, menos educada? O Pe. Paulo era de uma pureza transparente, irradiante, envolvente.

Sua obediência nascia da fé. Pela fé via manifestar-se a vontade de Deus. Acatava e reverenciava a autoridade mesmo quando dela se revestiam salesianos que foram seus alunos. Por isso sempre deu ao superior o tratamento de *senhor*. Mais do que de sua formação era isto fruto de sua fé. A expressão de sua fé não lhe tolhia o direito ou o dever de manifestar com toda polidez e firmeza seus sentimentos, seus pareceres em particular ou em reuniões. Quando julgava ser para um maior bem disciplinar, fazia-o com argumentos de vida, de experiência, de tradição fundamentando seus dizeres no espírito do Evangelho e das Regras. Se a decisão final era tomada contrariando seu ponto de vista, nada mais dizia: cumpria, obedecia como se fosse seu modo de

querer daí por diante. Se não dava certo alguma coisa, não contava vantagens, não ficava criticando. Era exemplar.

Tinha delicadezas para poupar ao superior trabalhos, aborrecimentos, contratempos. Como prefeito nas casas, ecônomo inspetorial, foi sempre um quebra-galho, um pára-choques, permitam-me dizer assim, para seus superiores.

Exerceu os cargos de Diretor e de Mestre de Noviços. Inculcando, ensinando a salesianidade era de uma assídua vigilância, de um zelo contínuo. Preparava por escrito, consultando ampla documentação, suas palestras, conferências, sermões, aulas. Inculcava com insistência e esmero o sentido da responsabilidade na vida religiosa, a visão sobrenatural dos deveres assumidos com os votos. A vida interior de fé e união constante com Deus no lidar comum. A nossa piedade, o espírito de trabalho e temperança. Os fundamentos das convicções a serem desenvolvidas depois do noviciado. No início do ano de noviciado havia noviços que tinham receio de sua firmeza na exigência dos deveres. Aqueles, porém, que deles se aproximavam mais, transposta aquela primeira barreira de relutância própria da idade, descobriam um coração paterno, interessado no bem de cada um. Não admitia em seus auxiliares nenhuma provação injusta, nem as célebres “penitências” do passado. Queria tudo muito natural, espontâneo. Tudo claro, consciente, convincente.

Era marcante, evidente, no Pe. Paulo, um amor entranhado a D. Bosco, à Congregação. Amava servir à Igreja, amando, sendo fiel à Congregação, à sua missão. Lia infalivelmente do princípio ao fim o Boletim Salesiano, os Atos do Conselho Superior, toda documentação publicada na Congregação e que chegava ao Colégio, os diversos informativos das Inspetorias e outras em italiano e alemão. Seu amor a Maria SS. Auxiliadora tinha o sabor de uma ingenuidade adulta pelas suas manifestações. Quem o viu, terá sentido a felicidade, a unção filial por falar de Maria, da Auxiliadora. Não deixou jamais a reza do terço. Dizia nos últimos tempos, não conseguir entender como um salesiano deixasse de o rezar, sob a alegação de ser uma prática ultrapassada, anacrônica. Tinha como um carisma salesiano e assim dava a bênção de Nossa Senhora Auxiliadora para o conforto dos devotos e dos doentes.

Foi um homem de trabalho. Ocupava sempre bem o tempo. Metódico, constante, fiel. Por isso sempre um homem que dava conta do que lhe era confiado para fazer. E quanto não fez! Em toda a sua vida esteve em função de administração. Parte por sua perspicácia e maneira de fazer. Parte pela sua fidelidade, exatidão, bom senso. Não se atirava a realizações que não pudesse saldar. Não deixava dívidas para outros pagarem. Repetia: “Vocês mineiros dizem que não se deve dar um passo maior que as pernas. Não se faz um buraco maior para sair de um menor”. Porém era sua norma: o homem prudente, devendo fazer alguma coisa, examina suas possibilidades, consulta pessoas competentes, pondera as circunstâncias, depois age com segurança. Não deixava para o dia seguinte o que se podia fazer na véspera. Para ele o segredo do rendimento era ter tudo em ordem, em dia. Recomendava-o e ensinava-o sempre. Tendo paciência e caridade com quem falhava, não deixava de ser persistente em exigir, para o bem da pessoa.

Analisando, embora em linhas gerais, sua feição salesiana, não podemos deixar de rever também, embora rapidamente, sua ação como educador, professor. Suas aptidões o qualificaram como um excepcional professor de ciências exatas, de matemática. Claro nas explicações, paciente para com os menos dotados, minucioso nas correções dos deveres, justo, compreensivo nas avaliações e nos conceitos. Impondo-se como mestre na matemática, suas bem preparadas aulas de religião eram muito bem aceitas pelos alunos. A apreciação que ex-alunos delas hoje fazem diz bem alto da influência benéfica, formativa, que elas tiveram na construção de sua personalidade

humana, cristã. Quantos o procuravam, como nos tempos de menino para se confessarem, para pedir conselhos e orientação na vida.

O Pe. Paulo era o homem da ordem e da disciplina. . . embora sempre compreensivo.

Até nos últimos tempos em conversas comentava: “Colégio sem disciplina, sem ordem não pode ter estudo sério, piedade sincera, alegria salesiana. O sistema de Dom Bosco não dispensa determinada disciplina como ele ensinou”.

Pelo cargo de prefeito, conforme regulamentos antigos, ele era a última instância na manutenção da ordem na casa. Ao prefeito cabia toda parte odiosa, poupando-se sempre o diretor, no desfecho dos casos escolares. O Pe. Paulo impunha-se pelo seu caráter, pela sua presença. Quem trabalhou no Colégio Dom Helvécio sabe qual é a cultura, a formação, o ambiente, a mentalidade desta região da Zona da Mata. Não se muda em uma ou duas gerações determinados conceitos. Os ex-alunos narram com aquele carinho saudosos, tantos fatos do Pe. Alcides Lanna, que era da terra, dos salesianos primeiros que passaram pelo Colégio Dom Helvécio. Rememoram-nos com gratidão envolvendo muitas vezes as narrativas com o sabor das anedotas. Relembrem sobretudo o Pe. Paulo Gamerschlag. Dele sempre se ouve esta expressão no final de tudo: – Era um padre justo. Ouvindo ex-alunos mais antigos, os salesianos, o Pe. Prade, brincavam com ele por ter imitado o Pe. Alcides em certos modos não “muito de acordo com o sistema preventivo”. Todos sabemos como o Pe. Alcides Lanna era de uma paternidade imensa. Imponente com sua voz tonitruante, com seus gestos largos. Quando algum rebelde não atendia, criava problemas e não se corrigia, com a devida autorização e pedido dos pais, ele sabia aplicar uma palmada quente em determinadas regiões, feitas para recebê-las, dizia ele. Provocava a hilariedade, e, por bem ou por mal a devida correção, sem deixar revolta ou mágoa. O Pe. Paulo sacudia a cabeça como que constrangido e explicava: “Sabe, é preciso entender as pessoas e as circunstâncias. O Pe. Alcides era muito querido. Ninguém guardava raiva dele. Eu era o prefeito. Tinha que apoiar e dar segurança aos assistentes e ao conselheiro escolar, aos professores. O ambiente do colégio que recebemos era muito pesado no início. Havia certos tipos difíceis no internato. A gente esgotava tudo o que o Evangelho ensinava, tudo que Dom Bosco recomendara. Então tinha que agir de repente assim. O Pe. Alcides tinha razão, porque ele ganhava o coração de todos. Era a única linguagem que eles entendiam. Porque na casa deles era assim. E se não melhoravam de vez, por muito tempo andavam direito. Graças a Deus ninguém guardou raiva não. Em geral acabavam se tornando outros para melhor. Hoje encontram a gente, vêm aqui, ficam lembrando estas coisas do tempo de internato e acabam agradecendo. . . as palmadas. Mas era muito difícil no princípio. Hoje já melhorou bastante”.

O Pe. Paulo tinha nítida consciência de que a essência do sistema preventivo está na convivência amigável, carinhosa com os jovens. Tinha uma presença afetuosa e efetiva. Conhecia seus alunos. Dava notícias de seus resultados. Sabia como cada um andava na vida colegial. Procurou sempre ter o escritório em um lugar que lhe permitia controlar o movimento da portaria, pátio e das aulas. E assim o fez até ao fim. Embora doente, semi-paralítico, ainda se preocupava com tudo. Quando se lhe dizia para deixar para os outros os problemas, não se preocupar em vendo alterações e mudanças na vida escolar, ele mostrava-se indeciso e acabava dizendo: “Eu sou salesiano, somos tão poucos agora no colégio. . .”

Na medida de suas forças, era presença ativa, melhor, era um anjo da guarda, uma sentinela que alertava os demais irmãos quando pressentia o rondar dos lobos, ou se uma ovelha tresmalhada ou arteira se punha em perigo.

O SACERDOTE

O art. 6 das Constituições diz: “A vocação salesiana situa-nos no coração da Igreja e nos põe inteiramente a serviço da sua missão. Fiéis aos compromissos que Dom Bosco nos transmitiu, somos evangelizadores dos jovens especialmente dos mais pobres; cultivamos de modo particular as vocações apostólicas; somos educadores da fé nos ambientes populares. . .”

O art. 7 diz: “Nossa vocação exige que sejamos intimamente solidários com o mundo e com sua história. Abertos às culturas dos países em que trabalhamos. . .”

O Pe. Paulo foi um autêntico sacerdote segundo o Coração de Cristo, segundo o coração de Dom Bosco. O seu *sim* em resposta ao chamado do Espírito Santo foi se confirmando no decorrer da existência numa total e incondicional entrega de si no ministério: “Fui tomado dentre os homens para estar a serviço dos homens” (Hb 5.1) foi seu lema. programa sacerdotal. Foi padre em todo o tempo e em todo e qualquer lugar, padre sempre.

Sobressaía nele a predileção, o gosto pela liturgia, pelas coisas da Igreja. Zelava pelo asseio, a ordem da casa de Deus. Cuidava com apurado gosto para que os indumentos, as toalhas, os linhos estivessem limpos, bem passados, engomados, tudo direito. Ante certa liberalidade usual, hoje em dia, de alguns, em dar pouco valor a estes pormenores dizia: “Deus N. Senhor merece de nós ao menos um pouco mais de respeito e consideração”. E acrescentava: “Com o pretexto de popularizar a liturgia há os que a vulgarizam e se esquecem até das normas de boa higiene”.

Salesianos que foram seus noviços escrevem lembrando como ele ensinava este cuidado esmerado com tudo que estava a serviço do altar. Como acompanhava os que eram designados para o trabalho de sacristão. Foi uma sua característica executar bem toda função religiosa, toda cerimônia litúrgica. Não poupava ensaios para que tudo fosse bem executado. Explicava o conteúdo teológico, o sentimento histórico. Era da escola do Pe. Vismara e seus ensinamentos os transmitia aos noviços: as funções da Igreja devem ser feitas com decoro, dignidade, nobreza.

Possuía uma belíssima voz aveludada de baixo, muito afinada. Conhecia bem a música. O Canto Gregoriano era uma sua paixão. Tudo isto concorria para a sua presença digna, recolhida, piedosa, cheia de unção no altar. Sóia dizer: “Estamos tratando com Deus N. Senhor. Devemos dar este testemunho ao povo que participa da celebração. O povo deve sentir o nosso amor e respeito também externamente. Do contrário pregamos e não cumprimos, desedificamos e afastamos os fiéis”.

Quando era estudante de teologia em São Paulo, quando podia, ia com frequência ao mosteiro de São Bento assistir Missa ou as Vésperas cantadas pelos monges beneditinos em gregoriano. Levava o *Liber Usualis* para acompanhar.

Certo dia o Inspetor, Pe. André Dell’Oca, que teve o Pe. Paulo sempre em grande estima e apreço, preocupado, o chamou e perguntou, antes do subdiaconato, se ele queria ser beneditino. Porque então não recebia a ordem. O Pe. Paulo contava o fato e dizia da surpresa que levava. E respondeu firme e machucado, que nunca pensara em deixar a Congregação. Que ia ao mosteiro São Bento para ouvir e aprender o grego-

riano. E rindo confessava: "O Pe. Dell'Oca me queria bem e tinha confiança de fato em mim. Fungou daquele jeito dele, me tranqüilizou e disse sorindo: – Eu te compreendo, meu velho, te compreendo".

O art. 34 das Constituições diz: "... para nós a evangelização e a catequese são a dimensão fundamental da nossa missão. Como Dom Bosco, somos chamados todos e em qualquer ocasião, a ser educadores da fé. Nossa ciência mais eminente é, pois, conhecer Jesus Cristo; e a alegria mais profunda, revelar a todos as insondáveis riquezas do seu mistério". O zelo ministerial do Pe. Paulo foi marcado pelo seu empenho no exercício da Palavra e das confissões. Preparava bem toda pregação, toda palestra, todo retiro. Lia sempre e bem, repassando, pondo-se a par das idéias novas, das novas especulações na dogmática, moral, exegese, ascese, direito, problemas filosóficos. Após o Concílio, ele e o Pe. Prade, que possuía uma vasta e segura formação filosófica e teológica, se reuniam normalmente todos os dias e se punham a trocar idéias, analisando as questões que vinham surgindo, os artigos lidos em revistas, ou, comentavam livros lidos. Após a promulgação do novo Direito Canônico, por vários meses os dois analisaram juntos.

Em janeiro de 1954, os mais antigos da Inspetoria hão de se lembrar, estavam mais de 90 salesianos em São João Del-Rei para o retiro anual. O pregador das instruções, Pe. Francisco Xavier Lanna, chegou à tardinha. Sofria do coração. Faleceu durante a noite. O Inspetor, Pe. Alcides Lanna, chamou o Pe. Paulo Gamerschlag para substituí-lo. Ele veio. Pregou o retiro como se tivesse tido meses para prepará-lo, agradando a todos. Recebeu um belo agradecimento e louvor do Catequista Geral, Pe. João Antal, que estava entre nós.

Foi perito de almas. Daí a grande estima em que era tido. Sempre pronto, disposto para atender as confissões. Até na última semana de vida. Além do confessor, era constante a procura de seu escritório para direção espiritual. Atendia a todos que o procuravam, sem deixar de fazer seus deveres. Assim é que foi um sacerdote zeloso dos movimentos novos de Igreja, sobretudo movimentos familiares. Aqui em Ponte Nova pode-se dizer que não passava uma semana sem atender casais que vinham até das cidades vizinhas buscar a sua orientação. Zeloso pelo cultivo das vocações. Há tantos sacerdotes do clero diocesano, religioso que encontraram nele a palavra lúcida, precisa para se integrar na *sequela Christi*. Sobre tudo ele teve um carinho particular pelas vocações das filhas de Maria Auxiliadora. Elas bem o sabem e lhe são gratas por tudo que ele fez pelo seu Instituto.

O art. 48 das Constituições nos diz: "A Igreja particular é o lugar em que a comunidade vive e exprime seu compromisso apostólico. Inserimo-nos em sua pastoral, que tem no bispo o primeiro responsável e nas diretrizes das conferências episcopais um princípio de ação de maior amplitude".

O auxílio que, em todos os lugares, o Pe. Paulo prestou aos párocos, a sua participação e de sua comunidade na ação da Igreja particular foram de fato notórios. Nasceu daí a amizade que os párocos tinham para com ele. A consideração e estima dos Srs. Arcebispos de Mariana, de aceitação e confidência até em alguns casos, anedóticas, que o Sr. Dom Helvécio Gomes de Oliveira teve com ele, desde que o conheceu aqui em Ponte nova em 1941.

Respeitava, amava, defendia a autoridade religiosa e eclesiástica sem ser omisso à verdade, sem ser jamais subserviente. Não dispensava a leitura atenta e pormenorizada do *Osservatore Romano*, para estar a par do pensamento do Papa e dos fatos acontecidos na Igreja.

Retornando às nossas Constituições, lemos, no art. 25: “A ação do Espírito é para o professo fonte permanente de graça e apoio no esforço cotidiano para crescer no perfeito amor a Deus e aos homens”. No art. 99: “Cada salesiano assume a responsabilidade da própria formação. Dócil ao Espírito Santo, desenvolve suas aptidões e os dons da graça num esforço constante de conversão e renovação, vivendo e trabalhando para a missão comum”.

Ao examinar agora, após a sua morte, a figura moral do Pe. Paulo Gamerschlag, tendo em mãos os depoimentos que me foram enviados por salesianos e salesianas, cooperadores, ex-alunos e amigos, sente-se claramente qual o segredo de toda esta riqueza humana e espiritual com que a Divina Providência presenteou nossa Inspetoria. Foi a sua vida inteira, sua união com Deus, experiências de sua profunda fé. Desta sua intimidade com o Espírito, deixando-se levar pelas suas moções, ele veio, em sua longa caminhada, buscando a salvação.

Se tomarmos o capítulo VII – *Em diálogo com Deus* – das Constituições, podemos constatar como a vida do Pe. Paulo se identifica com ele, erigindo-se como um exemplo para nós que ficamos. Sua constante oração com a comunidade. Sua postura recolhida, sua concentração e união nos momentos de oração. O amor à Eucaristia refletido nas celebrações da Missa, na adoração freqüente, mesmo rápidas, ao Santíssimo na capela. Seu amor filial a Maria, nossa Mãe e Mestra, a récita cotidiana aos atos da vida comunitária, sua constante e serena alegria. “A necessidade de Deus, sentida no trabalho apostólico, que o levou a celebrar a liturgia da vida, até chegar à operosidade incansável santificada pela oração e pela união com Deus” (Art. 95). A confissão, o retiro mensal, mesmo sozinho, quando a comunidade não o fazia, eram sempre a busca de uma constante conversão. Tudo o levava numa tranqüila maneira de ser, de estar, e viver a “uma profunda unidade no Senhor Jesus, mantendo viva a espera de sua volta” (art. 91). Para o Pe. Paulo, o melhor modo de esperar a morte, de se preparar para sua chegada, era fazer bem o que se devia fazer em cada momento do dia. Foi assim que ele fez. Assim ela o encontrou e levou.

Agradeço reconhecidamente a todos que, solícitos, oral ou por escrito, enviaram suas apreciações, depoimentos, fatos sobre nosso venerando irmão, possibilitando-me traçar esta carta mortuária. Nós Salesianos agradecemos ao Dr. José André, Dr. Salvador Ferrari, demais médicos e ao Hospital Nossa Sra das Dores pelo cuidadoso atendimento que tiveram para com o Pe. Paulo. A D. Ely que, por tantos anos, teve cuidados de mãe para com ele.

Meus prezados irmãos, revivendo a figura do Pe. Paulo Gamerschlag, saudosa por tantos motivos, agradecemos à Virgem Auxiliadora, a Dom Bosco que no-lo deram ao Brasil, à Inspetoria, à casa de Ponte Nova. Reverenciamos sua memória indelével na mente e no coração dos que com ele conviveram e usufruíram das riquezas com que Deus N. Senhor o dotou, que ele, levado pelo Espírito Santo, cuidou e multiplicou com servo bom e fiel. A Inspetoria São João Bosco, este Colegio Dm Helvécio de Ponte Nova, sentem até hoje este vazio insubstituível que causaram, primeiro a morte do Pe. Pedro Prade e meses depois do Pe. Paulo Gamerschlag que, por quase duas décadas seguidas, foram luminares de virtudes entre nós, aqui nesta comunidade. Anexo a esta carta alguns tópicos de depoimentos colhidos entre os inúmeros escritos que sobre ele foram publicados ou a mim enviados. Recordem-se em suas preces do Pe. Paulo Gamerschlag e lembrem-se também, na caridade, de nós desta co-

munidade de Ponte Nova.

Fraternalmente em Dom Bosco,

Pe. Dídimo Pereira do Amaral
Diretor

DADOS PARA O NECROLÓGIO

Padre Paulo Gamerschlag. Nasceu em Essen, Alemanha, aos 13 de agosto de 1906. Faleceu em Ponte Nova, MG, aos 2 de dezembro de 1985, com 79 anos de idade, 59 de profissão e 51 de sacerdócio. Foi diretor por 18 anos.

DEPOIMENTOS

O Pe. Paulo Gamerschlag é, sem dúvida, uma das mais agradáveis e mais bem educadas figuras humanas e salesianas com quem convivi. Chegou ao Brasil em fins de outubro de 1927 indo para Lavrinhas onde eu cursava o final do 1º ano de Filosofia. Vinha ele com o Pe. Francisco Eigmann e o clérigo João Weiss, os três num solene "clergyman" alemão, que impunha respeito, tão solene era. . . Em Lavrinhas estava também o clérigo Pedro Prade; os três formamos sempre um trio de amigos. O Weiss era mais de uma cara de "prussiano" pela seriedade, ao passo que o Paulo era de feições suaves. Dois dias depois, os clérigos, resolvemos fazer a solene vestidura, no pátio mesmo, impondo-lhes a batina. Tudo num clima de alegria e aceitação de parte a parte. Adataram-se bem e o Cl. Paulo andou logo dando umas amostras de sua bela voz com solos de gregoriano. Os dois rezavam muito bem, e gostavam muito de liturgia e cerimônias bem executadas. Para quem vinha da Alemanha não seria coisa fácil do mundo viver na pobreza e simplicidade de Lavrinhas e depois de Ascurra para onde foram. Quando ecônomo da Lapa, dos estudantes de Teologia, deu total atenção aos seus deveres de ofício, atento a tudo. Cuidava com verdadeiro amor do Oratório Festivo da Vila Ipojuca, onde foi muito estimado dos meninos e das famílias. Deu muita importância ao atendimento das confissões, havendo sempre muitas pessoas que o procuravam como seu diretor espiritual. Esmerava-se na preparação das pregações, sobre- tudo pregação de retiro. O Pe. Paulo teve sempre um porte muito nobre e educado. Nunca se viu nele sinal de desânimo nem na vocação e nem nos trabalhos. Teve derrame e foi edificante o esforço para não ser de peso, e a força de vontade para cumprir trabalhos que ajudassem a administração. Era esmerado na escrita administrativa. Esse esmero ele sempre teve em todas as etapas da vida, sendo ordenado no trabalho. Acolhia as determinações da obediência com docilidade. Não perdia tempo em futilidades.

Pe. Virgílio Fistarol
Seu antigo colega e Inspetor.

Eu era simples aspirante quando conheci o Pe. Paulo na sférias em Cachoeira do Campo, em 1950. Tive dele a melhor das impressões. Era rígido, mas ao mesmo tempo muito delicado e bondoso com os aspirantes. Era alegre, sempre estava no meio de nós. Isto tirava-lhe aquela aparência de rigidez. Gostava de falar, contar fatos dos antigos salesianos. Observava tudo que passava ao seu redor, sem chamar a atenção. Eu sempre notei que, mesmo conversando, não deixava de observar o que se passava no pátio. Então fui entendendo o que Dom Bosco queria. Estava presente e não chamava a atenção pela sua presença.

Rezava a Missa com muita piedade. Impressionava. Nunca demonstrou pressa em acabar logo. Como gostava das funções do altar, e, como as executava! Fazia sempre uma breve preparação antes de celebrar. Infundia em nós este amor às coisas do altar, da liturgia. Como cantava bem o gregoriano; deixava a gente enlevado, feliz em ouvi-lo, sobretudo nas Missas solenes, ao cantar o prefácio *solemnior*. Como Mestre dos Noviços tenho dele também a melhor das impressões. Devo-lhe muito pela grande influência que teve na minha formação salesiana. Às vezes ele escutava o noviço o tempo inteiro no rendiconto. Outras vezes era um diálogo do princípio ao fim: deixava a gente sempre à vontade. Alguns noviços o achavam de certo modo um "durão", pela firmeza e constância em exigir o cumprimento dos deveres. Eu nunca me importei por ele fazer isto, que era para nossa formação, gostava do jeito dele. Não demonstrava muito, mas, a gente sentia que ele nos amava muito e se interessava por todos nós.

Pe. Josué Victor Baptidão

Uma das qualidades do Pe. Paulo que mais me marcou foi o seu amor à liturgia. Da sua "rigidez" de alemão (para nós brasileiros) ele se transformava no altar, nas celebrações. Transmítia para nós pela sua doçura, por aquela maciez de que se revestia, toda piedade interior que vivia no momento de oração. O canto gregoriano em sua voz tinha entoações de beleza e piedade. Do salão de estudos nós o ouvíamos nos sábados e nas vésperas de festas, ensaiando as partes variáveis. Brincávamos depois nos recreios com ele e ele sorria e não se importava. Não admitia nada de improvisado nas funções religiosas. Exigia os ensaios. Explicava tudo para nós, para entendermos bem o que íamos celebrar. Mais tarde, ele já idoso e doente, ao encontrá-lo ou quando o visitava em Ponte Nova, contava-lhe do trabalho que estava sendo feito para a recuperação do menor abandonado, carente. Escutava tudo atento. Via-se em seus olhos azuis um brilho que variava conforme as notícias. A felicidade pelo bem que se fazia. Perguntava pelo trabalho, interessava-se e depois dizia poucas, mas preciosas palavras de vida salesiana.

SC. Raimundo R. Mesquita

Em 1954 conheci o Pe. Paulo, passando eu por Barbacena ao ir para São João del-Rei, a fim de me juntar aos futuros colegas de Noviciado. Eu era já de idade. Ele me recebeu cortês, mas, com poucas palavras, até mesmo um tanto seco demais. Durante o ano de noviciado nos entendemos muito bem, graças a Deus. Gostava imensamente das pregações e instruções do Mestre. Eram piedosas e substanciosas. Expu-

nha com franqueza as falhas e defeitos dos noviços e até mesmo de professores e mostrava-nos como proceder certo. Lembro-me que nos disse para não levarmos para os votos ilusões. Exaltava as virtudes dos bons salesianos antigos e os do tempo. Um dia, comentando os defeitos e falhas da época, prevenindo-nos contra eles, comoveu-se muito dizendo: "Não sei como estes fazem votos diante do altar e depois agem assim. Eu amo a Congregação. . ."

O Pe. Paulo era estimadíssimo em Barbacena pelas suas virtudes sacerdotais e pelas palestras que fazia pela Rádio local. 20 anos mais tarde fui para Ponte Nova onde o Pe. Paulo deixava de ser diretor, por causa da doença. Pude constatar então, melhor, suas virtudes salesianas, ótimo pregador, confessor e ainda pelo seu desapego das coisas terrenas. Nunca escutei de sua boca qualquer expressão que desmerecesse o novo diretor ou que recordasse o seu tempo de diretor ali na casa. Sempre o vi alegre e bem disposto ao cumprir seus deveres. Foi para mim um bom Mestre e um grande exemplo de vida.

SC. Francisco do Val

Saudades. . . As lembranças empurram de mansinho a porta que até bem pouco tempo estava aberta, acolhendo a todos que penetrassem naquela sala.

Do outro lado da mesa, uma figura ímpar, carismática. Seus olhos penetrantes, pareciam ler o íntimo das pessoas. Seu sorriso, discreto, transmitia tranquilidade. . . Ali se encontrava um confidente, um conselheiro, um mestre. . . Inconfundível em seu estilo, autêntico em suas palavras. . . A história do colégio confunde-se com sua própria história, ou melhor, com sua própria vida. . . Que falta o senhor nos faz, Pe. Paulo!

*Profª Maria da Conceição Penna
de Oliveira*

Nunca será uma figura apagada, nem depois de morto. Nós julgamos as pessoas de imediato, por aquela face que nos mostram, por aquele ato que nos atingem, por aquele gesto com que nos tocam. O julgamento do Pe. Paulo, no meu caso, vem do tempo em que lecionou matemática para meu irmão. Quarenta anos! Então não há mais imediatez; há sim, toda uma constatação que não evade nem se perde – testemunha em quase meio século. Ele nem parecia mais um estrangeiro entre nós, de tanta gente que ensinou, que casou, que absolveu e encomendou. . . Fazia parte de um espaço e nesse espaço, era a mesma direção, o mesmo ponto, o caminho sem laterais ou evasivas. Sábio? Sacerdote? Santo? As três coisas, desde que consideremos como sábio, aquele que esclarece; como sacerdote, aquele que orienta e abençoa; como santo, aquele que preserva – independentemente de ventos contraditórios e persuasivos, de visões sugestivas e fabulosas de melhor, de mais certo, de mais agradável e mais livre. A segurança não é móvel; podemos dar-lhe a figuração de uma âncora. A segurança nem sempre é atraente e divertida; podemos dar-lhe a forma de uma cruz e fixá-la na vontade e no trabalho. Mas é a segurança de corpo e de espírito que poderá resguardar o mundo e suas pessoas. Como você foi e fez Padre Paulo, em Ponte Nova, no Colégio Dom Helvécio.

Laene

Eu procurava um adjetivo, que falasse bem alto do Salesiano, nosso querido Padre Paulo, que partiu para a casa do Pai. . .

Confesso que pensei muito e, por fim, vieram-me à mente, estas palavras que sintetizam tudo que eu buscava em numerosos adjetivos: SALESIANO DE DOM BOSCO! É o adjetivo que resume todas as prerrogativas de um filho de Dom Bosco. “. . . Costumes e línguas foram para ele as primeiras pedras no caminho. Muitas vezes, contava ele, a dificuldade da língua levava-o ao estudo até altas horas da noite. Para reagir contra o sono, em noites de inverno, conservava os pés numa bacia de água fria. Resultado desta imprudência jovem: – o reumatismo que o maltratou por toda a vida.

Salesiano de têmpera, teve como caracter fsticas:

- a retidão de caráter;
 - a discre o tão necessária a um guia espiritual;
 - a fidelidade às Constitui es;
 - o espírito genuíno de Dom Bosco;
- Foi irmão e amigo. Mas acima de tudo – Apóstolo e Guia.

Amou com dedica o o nosso Instituto ao qual ligou t b m sua vida, pelos laços de fraternidade. Com que interesse e empenho orientou “vocacionadas” para o Instituto. Interessava-se pela expansão de nossas obras e para honra de seu nome. As virtudes lhe ter o custado lutas, combates, pois, a bondade se ocultava sob a “casca dura” – palavras dele – de sua origem alemã. . . o zelo pela união das famílias era sua preocupa o apaixonante e se industriava para isto. . . Foi uma vida dinâmica de apóstolo incansável e de educador salesiano que se extinguiu.

Ir. Concei o F. Araújo – FMA